

## Lina Bo Bardi – Criatividade e Simplicidade

A arquiteta e designer gráfica Lina Bo Bardi é uma das pensadoras culturais mais importantes do cenário brasileiro entre as décadas de 50 e 80. No ano do centenário de seu nascimento, duas instituições importantes na cidade de São Paulo realizaram exposições em homenagem a arquiteta e seus grandes projetos. As duas exposições, mesmo falando sobre a mesma temática, se complementam: uma mais simples e factual e outra lúdica. Uma em um centro cultural que é o Sesc Fábrica Pompéia e o outro em uma casa museu, o Museu da Casa Brasileira.

“Correr, sentar, falar, andar, ficar sentado tomando um pouquinho de sol...  
Arquitetura não é somente uma utopia, mas é um meio para alcançar certos resultados coletivos”<sup>1</sup>

Pensar a arquitetura como meio para a interação social e a construção cultural é a grande responsabilidade que Lina adotou para o seu trabalho. Os três grandes projetos de sua trajetória (Unhão, MASP e Sesc Fábrica Pompéia) tem a preocupação de criar ambientes que valorizem a convivência humana e a verdadeira apropriação do espaço, possibilitando a experiência de vivenciar um oásis, um acolhimento e liberdade dentro de uma metrópole lotada e frenética. Sua lei é garantir a beleza da dualidade, não só pelo fato de existir um oásis dentro do caos, mas relacionar o simples e o sofisticado, rigor e poesia.

O percurso entre as quatro décadas de construções foi marcado por uma situação política complexa e instável. Antes e durante o projeto de Unhão (Museu de Arte Popular do Unhão) na Bahia, o país estava sofrendo uma instabilidade política muito grande, prestes a entrar em uma ditadura militar. É uma época de esperança e utopia: do Cinema Novo, do futebol arte e de Brasília, uma época de busca pela identidade cultural e de apropriação da história e do patrimônio para construir a realidade presente e o futuro. É nesse contexto que Lina mergulha em sua viagem ao nordeste e se utiliza da rica experiência cultural que viveu, não só para a construção de Unhão, mas também para os projetos futuros. Ela passa a adotar os ideais de liberdade e simplicidade na sua produção. Se apropriar dos materiais já existentes, daquilo que um ambiente sofrido pôde proporcionar e perceber a beleza e a harmonia que isso pode oferecer para a arquitetura. Construir um edifício em que a população local se sinta abrigada e verdadeiramente representada, possibilitando, também, a vivência.

Se utilizando da aprendizagem que teve no nordeste, Lina vai para São Paulo e inicia o projeto do MASP. “Experiência de simplificação”, “sentido do coletivo”, “dignidade cívica” e

---

<sup>1</sup> Anotações pessoais e entrevista a Fábio Malavoglia, 1986. *Apud Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M Bardi, 2ª edição, 1996, pp. 152,153.

“experiência popular”, essas são as expressões utilizadas pela própria arquiteta para ilustrar a bagagem de conhecimento que adquiriu no passado para continuar construindo o futuro. Em um momento de dúvidas e desilusões, inserida na mais bruta ditadura militar, a resistência se faz na arte. Uma resistência tropicalista e viva no sonho da coletividade e do convívio. Uma resistência que foi perfeitamente ilustrada na arquitetura de todo o edifício, através da utilização do concreto puro e de grandes aberturas (sala de exposições e vão livre) onde a luz natural se infiltra belamente.

“E gostaria que lá fosse o povo, ver exposições ao ar livre e discutir, escutar música, ver fitas. Até crianças, ir brincar no sol da manhã e da tarde”<sup>2</sup>

No interior da pinacoteca do museu, uma surpresa: os quadros seriam expostos em painéis didáticos de cristal no meio do salão, misturadas. Para ver as informações sobre aquilo que estava vendo era preciso dar a volta e olhar atrás do quadro. Um choque e uma afronta ao comodismo, este que infelizmente venceu a inovação em 1994, quando o arquiteto Júlio Neves foi eleito o diretor presidente do museu e mudou todo o projeto original de Lina Bo Bardi.

Para completar a tríade temos o SESC Pompeia, projeto que acompanhou a abertura política do país e existente na época do pragmatismo e da reconstrução da realidade. Para Lina, um trabalho apaixonante, a apropriação de uma fábrica antiga baseada no concreto, em grandes galpões e na mistura de materiais típicos da indústria. Novamente com o desafio de transformar a simplicidade e a concretude em flexibilidade e abrigo da convivência, quietude e aconchego.

“Nunca esqueço o surrealismo do povo brasileiro, suas invenções, seu prazer em ficar todos juntos, para dançar, cantar. Assim, dediquei meu trabalho da Pompeia aos jovens, às crianças, à terceira idade: todos juntos.”<sup>3</sup>

Na crença de que a arquitetura condiciona o homem, Lina Bo Bardi construiu edifícios belos, simples e incentivadores da ação humana. Não permitiu que o comodismo vencesse e podasse a criatividade do ser humano. As duas exposições, além de ensinarem ao visitante toda a dinâmica e característica do trabalho da arquiteta, além de apresentar quem foi e o que fez, proporcionou reflexões sobre a ocupação dos espaços que fazemos hoje.

“A Arquitetura Política de Lina Bo Bardi e Lina Gráfica”, no Sesc Pompeia, apresentou de forma mais concisa, informativa e documental sobre sua vida e seus três projetos mais importantes (aqueles citados anteriormente), focando na questão pública de seu trabalho. “Maneira de Expor: arquitetura expositiva de Lina Bo Bardi”, no Museu da Casa Brasileira, expôs de forma altamente visual, com instalações, toda a proposta da apropriação do espaço: painéis-cavaletes, folhas no chão da sala, grandes painéis, vídeos... Tudo isso, para garantir ao visitante a experiência de sensações, a aprendizagem dinâmica e a imersão na cultura popular através da visão da arquiteta. Ao invés de falar sobre a questão pública no trabalho de Lina, fez vivenciá-la.

---

<sup>2</sup> Anotações pessoais de Lina Bo Bardi. *Apud Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M Bardi, 2ª edição, 1996, pp. 100, 102

<sup>3</sup> Anotações pessoais de Lina Bo Bardi. *Apud Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M Bardi, 2ª edição, 1996, pp. 152, 153